

FILOSOFIA

A desconstrução feminina

Estudo de Carla Rodrigues discute lugar da mulher à luz de Derrida

Eduardo Guerreiro B. Losso*

Um dos maiores erros dos filósofos iluministas foi não reconhecer a igualdade de direitos da mulher. Seja Rousseau (“Uma mulher intelectual é o flagelo de seu marido, de seus filhos, de seus amigos, de seus empregados, de todo mundo”), seja Kant (“É bela e agradável - e basta”), aqueles que mais contribuíram para a “saída da menoridade” e a entrada na idade do esclarecimento não fizeram justiça à mulher, desmonstrando com isso os limites do pensamento da época.

O livro de Carla Rodrigues, *Coreografias do feminino*, introduz-nos essa contradição ao defender a importância da desconstrução do filósofo Jacques Derrida para o pensamento feminista. Se a razão e mesmo a liberdade de ação, quer dizer, a atividade, foram identificadas como masculinas pela sociedade, tomando seu valor positivo em oposição à passividade feminina, aparece a questão da autora: “Deixar o lugar da submissão feminina em busca de emancipação é instalar-se no tradicional lugar masculino?”. A importância da contribuição de Derrida parte do fato de que ele se recusa a estabelecer um lugar para a mulher, não sendo nem feminista nem anti-feminista, preferindo manter uma negatividade indecível que deixa em aberto toda possibilidade de sentido.

As feministas em geral pretendem fixar a identidade da mulher como sujeito de direito e partir para o engajamento na prática. Derrida, contudo, foi um dos principais pensadores que contribuíram para o anúncio pós-moderno de que o sujeito está morto, justamente no momento em que as mulheres estão vencendo etapas em busca da emancipação, o que levou parte delas a desconfiarem da desconstrução da identidade como uma forma de enfraquecimento da luta política. Para Françoise Collin, num primeiro momento não há como fugir do “nós” para que se alcance o direito de cidadania de um “eu”. Enquanto feministas preten-



Renata Ludwig/divulgação

CARLA – A validade política de não ignorar os impasses teóricos

dem subverter pressupostos patriarcais, seu “nós” só é possível em oposição aos mesmos, o que acaba por ratificá-los, mantendo a estrutura binária. Ao se reconhecer a impossibilidade de sair inteiramente da sociedade patriarcal, que formou os parâmetros culturais metafísicos da sociedade moderna, somos levados a concluir que é a partir desses mesmos regimes que se pode sair de sua dominação, em vez de se autoenganar na fundação de uma identidade subversiva. A melhor maneira de lidar com a onipresença histórica e sistemática do binarismo patriarcal é desconstruir tanto o masculino quanto o feminino. Carla Rodrigues cita a resposta de Judith Butler: “A identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista”.

A autora conclui que “isto levaria a uma exigência de formas de fazer política que pudessem reconhecer como pressuposto essa instabilidade” da identidade feminina. Não é possível reduzir as mulheres a características comuns, é necessário deixar em aberto a variabilidade e a instabilidade fundamental da estrutura identitária do sujeito, em concordância com os avanços da psicanálise. Só assim o feminismo conseguiria, através de ausência de positividade, transformá-la em força precisamente por apontar a falácia da positividade instaurada pelo *status quo* dos valores dominantes.

Apontando a necessidade de uma discussão filosófica do feminismo, com base na desconstrução, afirmando a validade política de não ignorar os impasses teóricos,

Carla Rodrigues nos oferece uma competente introdução ao debate entre feminismo e desconstrução. A discussão do feminismo nos círculos filosóficos brasileiros, bem como sua relevância para a luta política, é muito insuficiente – apesar de haver poucas felizes exceções como Marcia Tiburi, que une reflexão teórica qualificada e engajamento prático – motivo pelo qual o livro é bem vindo e recomendável.

Porém, não há em Derrida uma perspectiva socio-histórica da opressão patriarcal para pensar de que modo a mulher foi vítima das diferentes culturas formadoras do Ocidente até as sociedades contemporâneas. Derrida tende a supervalorizar a metafísica filosófica como responsável pelos problemas sociais, em vez de tratá-la apenas como mais uma das manifestações culturais em jogo na questão. Ignora-se o fato de que a emancipação feminina foi movida por interesses de exploração capitalista de sua força de trabalho, motivo evidente pelo qual até hoje a maioria das mulheres ocupam postos de trabalho inferiores e ganham menos do que os homens mesmo ocupando posto equivalente; dados explicitados no livro. Esses pressupostos enriqueceriam a abordagem de acontecimentos concretos, como a autora faz do caso Sears.

Se a prática, ao reduzir complexidades teóricas, reproduz injustiças sociais, a teoria, ao ignorar a concretude socio-histórica, repetirá para sempre a culpa abstrata da metafísica e, mais uma vez, reproduzirá a abstração que parece tanto combater. “De nada me serve a revolução se eu não puder dançar”, afirma Emma Goldman; e de nada serve a dança da teoria sem um chão.

* Professor de teoria da literatura da UFRJ.

Coreografias do feminino

Carla Rodrigues
Editora Mulheres
136 páginas. R\$ 35